

## MERLEAU-PONTY E A VISÃO

**Fabíola Cristina Alves\***  
biula\_alves@yahoo.com.br

Maurice Merleau-Ponty, nascido em 1908, é um dos representantes da filosofia francesa das décadas de 1940 e 1950. Durante sua formação acadêmica foi influenciado pelas correntes existencialistas e fenomenológicas. Nas suas pesquisas dedicou-se à investigação do corpo e da visão, entre outros objetos de estudo. Em 1961 faleceu deixando inacabada a obra *O visível e o invisível*.

Este artigo introdutório desenvolve-se a partir do interesse que Merleau-Ponty dedicou à visão em sua obra. É notável como o filósofo francês amplia a compreensão acerca do ato de ver recorrendo às suas interrogações filosóficas sobre o mistério que constitui o corpo e que acredita participar do ato criativo do pintor e das ações da vida cotidiana.

A visão não se reduz ao olhar estático. Olhar que congela a imagem em um único espaço de tempo, sem considerar o passado, o presente e o futuro. A visão é envolvida pelo movimento, não havendo um tempo único, mas o “durante”<sup>1</sup>. Pela movimentação da pupila alcanço o que é visto, o olhar caminha pelos detalhes do que está visível no mundo. Distante ou próximo do olhar, da localização espacial do corpo observador, a visão ilumina as coisas, juntando aquele que vê com o que é visto.

No segundo capítulo de *O Olho e o Espírito*, Merleau-Ponty escreve que o corpo, rodeado por certo enigma, consiste em “ser ao mesmo tempo vidente e visível”<sup>2</sup>. Ao analisar este enigma notamos que existe um elo que aproxima os dois lados; ou seja, as formas do ser vidente e visível. E que entrecruza os dois lados da visibilidade, tornado aquele que vê um corpo também visto assim como o que é por ele observado. O visível instiga a visão, faz com que esta possa mover-se nele. O olhar que tateia a superfície da tela de uma pintura desvela as cores, envolvida pelo visível da pintura que “parece repousar em si mesmo”<sup>3</sup>. Para compreender esta singularidade, podemos reconhecê-la no corpo, pois este detém o mistério de ser sensível em si.

---

\*Graduada em Educação Artística e Mestranda em Artes pela UNESP.

1 No processo.

2 MERLEAU-PONTY, “O Olho e o Espírito”, p. 17.

3 MERLEAU-PONTY, “O visível e o invisível”, p.128.

O corpo é um turbilhão de sentidos, visível e tátil, o corpo do pintor vê e apalpa o corpo das coisas, podendo ser visto e tocado simultaneamente. O corpo, segundo CHAUI (2002)<sup>4</sup>:

Entre as coisas visíveis, é um visível, mas dotado do poder de ver – é vidente. Visível vidente, o corpo tem o poder de ver-se quando vê, vê-se vendo, é um vidente visível para si mesmo. Entre as coisas táteis, o corpo é um tátil, mas dotado do poder de tocar – é tocante. Tátil tocante, tem o poder de tocar-se ao tocar, é um tocante tátil, para si mesmo. Entre as coisas móveis, o corpo é móvel, mas dotado do poder de mover – é um movente. Móvel movente, o corpo tem o poder de mover-se movendo – é móvel movente para si mesmo.

Quando o corpo se vê vendo as coisas, não podemos distinguir se este se vê porque as coisas se apresentam ou se mostram para ele, somente identificar que o corpo e as coisas de forma harmônica se vêem. Não é possível saber quem olha primeiro ou se o corpo se vê antes mesmo de ver as coisas. A constante reciprocidade do vidente e do visível é acessível pela sua natureza sensível, que é correspondida por certo parentesco entre este e as coisas. Aproximados, o corpo iniciado no mundo sensível descobre no exterior um interior e no interior o exterior, mas não separados, pois os extremos se fazem acessíveis, partes do mesmo todo. Neste sentido, o corpo age – tem o poder de ver – e sua ação repousa sobre si mesma.

Para Merleau-Ponty, este entrecruzamento do corpo em ser visível e vidente é notado entre os problemas – as práticas – da pintura, ele nos diz que “(...) as coisas e meu corpo são feitos do mesmo estofa”<sup>5</sup> e é este que chamamos de parentesco e que é natural ao corpo. Logo, o aproxima e o faz desvelar as coisas pela visão, permitindo que o corpo seja possuído pelo visível. O pintor na sua prática desvela as coisas, como se a sua visão ultrapassasse as superfícies, penetrando nas coisas que lhe são visíveis, pois o artista e as coisas são constituídos do mesmo elemento, assim como o espectador de uma pintura no momento da fruição. No ato de ver, seja o mundo para pintar ou uma obra de arte, a imagem repousa a espera de um olhar que a anime. Portanto, a visão junta vidas separadas<sup>6</sup>, ligadas pela indivisibilidade dos espíritos, uma vez que compreendemos que espírito e corpo mesclam-se.

O corpo, indiviso, podendo ser visto não apenas como aparência, evidencia como esta visão sobre o corpo é diferente, inevitavelmente, este pelo seu ser, na sua existência permeia o mundo, graças ao parentesco. Portanto, não há limites entre estes, que obriga o corpo a ser vidente e o mundo a ser o visível. Sobre o assunto, Merleau-Ponty comenta que

---

4 CHAUI, p.177 -178.

5 MERLEAU-PONTY, p. 18.

6 MERLEAU-PONTY, p.136.

“O mundo visto não está 'em' meu corpo e meu corpo não está 'no' mundo visível em última instância: carne aplicada à outra carne, o mundo não a envolve nem é por ela envolvido”<sup>7</sup>. A carne do mundo entrelaça o corpo e as coisas, converte em si as parcelas comuns dos outros seres, concedendo ao corpo o direito de coexistir com as coisas como se estivessem fixados na mesma trama. A carne não é o mesmo que união, não prevê duas parcelas separadas, mas esta sustenta o encontro do corpo e das coisas, pois é “um *elemento* do Ser”<sup>8</sup>.

Passemos a observar o que Merleau-Ponty chama de “intercorporeidade”<sup>9</sup> e que nos ajudará a compreender a complexidade da carne.

A “intercorporeidade” acontece quando o corpo se toca ou quando a mão direita deste apalpa a sua mão esquerda. Neste exemplo, verificamos que a ação do corpo recai sobre o próprio corpo. As coisas tangíveis são próprias deste corpo, o que possibilita a abertura do mundo de cada uma de suas mãos, assim segundo o autor “(...) a operação é reversível à vontade, pertencendo ambas, como se diz, a um único espaço de consciência, pois um só homem toca uma única coisa por intermédio das duas”<sup>10</sup>. Entretanto, no desenvolvimento do pensamento merleau-pontiano, é negada a reciprocidade imanente no corpo tocado como natural da consciência, pois o corpo separa-se das coisas, dentre as coisas, é uma coisa capaz de agir sobre a sua coisidade, não podendo ser coisa tocada e aquele que toca distintamente.

Cada mão possui sua própria experiência tátil conformada no mesmo tangível, no mesmo corpo. Não havendo mais uma “consciência” que recai sobre um objeto, reforçando a compreensão da indivisibilidade do corpo. Merleau-Ponty complementa:

O que significa que cada visão monocular, cada palpação de uma única mão, embora tenha o seu visível e o seu tangível, está ligada à outra visão, à outra palpação, de modo a realizar com elas a experiência de um único corpo diante de um único mundo, graças a uma possibilidade de reversão, de reconversão de sua linguagem na delas, possibilidade de reportar e de revirar segundo a qual o pequeno mundo privado de cada um não se justapõe àquele de todos os outros, mas é por ele envolvido, colhido dele, constituindo, todos juntos, um Sentiente em geral, diante de um Sensível em geral.<sup>11</sup>

As possíveis reversão e reconversão do olhar e do tato estão como que inseridas no sistema de trocas, tornando peculiar o ato de ver quando este é capaz de ver tateando assim como o ato de tocar também é um tocar para ver. No âmbito da reversibilidade, o corpo pode

---

7 MERLEAU-PONTY, p.134.

8 Ibidem, p. 136.

9 Ibidem, p. 137.

10 Idem.

11 Ibidem, p.138.

sentir o toque de sua própria mão. O sentir não se encontra puramente no plano da “consciência”, pois esta não se separa do tangível.

A “intercorporeidade” também age no olhar, faz o pintor ver a paisagem e o pintor ser visto pela paisagem, faz a pintura olhar para o pintor enquanto ele observa as manchas das tintas sobre a tela. Esta experiência está no corpo pela sua mágica possibilidade de ser vidente e visível, ao se ver vendo, se comunica com outros videntes e compõe o visível. Ser indiviso, que não separa ação e passividade, que transborda sentidos, animando-os no campo da visibilidade. Esta flutua pela experiência sensível, faz o corpo desvelar o Ser ao descobrir a carne que constitui o mundo – um visível enredado no invisível – e que também o constitui. Então, podemos dizer que o corpo faz parte do espetáculo do mundo, possuindo em si os outros visíveis, todos operando no quiasma<sup>12</sup> – entrelaçados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, Marilena. **Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MERLEAU PONTY, Maurice. *O entrelaçamento – O quiasma*. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

---

12 Termo utilizado na linguagem merleau-pontiana.